

O complô que matou Trótsky

Estamos nos aproximando de uma data terrível, que nos obriga a uma reflexão dolorosa. Daqui a poucos dias, estaremos chegando a um momento que nos fará, inevitavelmente, recordar o "lado noturno" da história do comunismo, no seu marco mais sinistro: o assassinato de Trótsky, há exatamente meio século

Leandro Konder

Nascido numa fazenda da Ucrânia em 8 de novembro de 1879, militante socialista preso pela primeira vez em 1898, marxista convicto desde 1899, segundo dirigente mais destacado da "Revolução de Outubro" em 1917, Liev Davidóvitch Trotsky foi morto no México, onde estava exilado, com quase 60 anos de idade, por um agente de seu arquiinimigo Stálin.

Após a morte de Lênin, em janeiro de 1924, Stálin, manobrando com habilidade, aproveitando sua condição de secretário-geral do partido bolchevique, firmou-se como sucessor "natural" do líder falecido. Beneficiando-se do estado de espírito disseminado entre os ativistas da agremiação, que ansiavam por um pouco de ordem e tranquilidade dentro de casa, Stálin passou a convencê-los de que era possível construir o socialismo num só país, sem ficar na dependência da revolução em escala mundial. Trótsky se insurgiu contra essa teoria e advertiu, pioneiramente, que a tentativa de edificação de um socialismo "particular", numa sociedade mais ou menos isolada resultaria em graves deformações burocráticas na organização do partido e no aparelho do Estado.

A alternativa da "revolução permanente", encaminhada por Trótsky, não encontrava muita receptividade entre os membros de um partido cujos membros, desgastados pelo esforço sobre-humano da revolução feita, preocupados com as pesadas tarefas da reorganização do Estado, inclinavam-se mais facilmente pelo "realismo" das posições sustentadas pelo grupo de dirigentes articulados em torno de Stálin.

Stálin era extremamente hábil e tratou de tirar vantagem da situação. O leninismo tinha se tornado o quadro irrecusável da disputa pela hegemonia e era nele que Trótsky precisava enfrentar a linha stalinista. O "partido de novo tipo" - centralizado, disciplinado, constituído como uma máquina de assalto ao poder - só reconheceria a legitimidade de uma direção que lhe aparecesse como continuadora de Lênin. Trótsky teve que travar a luta num terreno minado.

Nos tempos de Lênin, o comitê central do partido era pequeno e ágil, integrado por homens de personalidade forte, que divergiam com frequência do grande fundador da agremiação. Lênin não era mitificado; divergir dele era normal. Stálin, o mais discreto na equipe, o mais apagado no trato com questões teóricas, foi o que menos divergiu.

Depois que Lênin morreu, na esteira do seu endeuamento, Stálin passou a difundir a ideia de que ter divergido de Lênin era algo infamante: era uma espécie de "pecado mortal" na trajetória política de um comunista. E com isso criou uma situação altamente desfavorável para os mais brilhantes entre seus rivais, para Zinoviev e Kamenev, mas sobretudo para Trótsky.

Liev Davidóvitch foi estigmatizado como "antileninista" e posto sob pressão constante para "provar"

seu "leninismo". Um desafio que ele não podia deixar de enfrentar, não só por força das circunstâncias objetivas, mas também em decorrência das condições subjetivas, já que - e essa talvez tenha sido a mais trágica limitação do seu pensamento - Trótsky se sentia, efetivamente, leninista (e jamais lhe passou pela cabeça empenhar-se numa superação dos horizontes do leninismo).

O leninismo, com sua subestimação intrínseca dos valores da democracia, com seu autoritarismo pragmático, era um campo de batalha favorável a Stálin. E, de fato, Stálin impôs a Trótsky sucessivas derrotas.

No começo de 1928, Trótsky foi banido de Moscou e colocado em regime de "residência forçada" na cidade de Alma-Ata, no Turquestão. Em 1929, como insistia em expressar suas opiniões, foi coercitivamente desembarcado na Turquia. Tentou ir à Alemanha, porém o governo alemão lhe negou visto de entrada no país. Com dificuldade, conseguiu passar uma semana na Dinamarca. Percebeu que estava transformado num ser repellido pelas autoridades de praticamente todos os

"Trótsky foi estigmatizado como 'antileninista' e posto sob pressão constante para 'provar' seu 'leninismo'"

países europeus. Em 1935, foi acolhido na Noruega, onde passou a viver, hostilizado e posto sob rigoroso controle policial.

Contudo, o braço de Stálin era longo; através de seu embaixador em Oslo, o Estado soviético fazia reiterados protestos contra as atividades de Trótsky, que denunciava, por escrito, a farsa dos "expurgos", dos "processos de Moscou", que iam liquidando os velhos bolcheviques com base em acusações monstruosas e absurdas. Em dezembro de 1936, Trótsky e sua mulher (Natália) foram, afinal, expulsos da Europa e levados para o México (então presidido por Lázaro Cardenas).

Na União Soviética, os "processos de Moscou" continuavam. O procurador-geral do governo de Stálin, Vishinski, pedia a condenação a morte de todos os "cães raivosos" ligados ao trotskismo. Os revolucionários presos "confessavam" seus "crimes", "reconheciam" ter participado de atividades conspirativas a serviço de Trótsky. Piatakov "admitiu" ter recebido ordens do exilado pessoalmente em Oslo. Krestinski "confirmou" ter promovido contatos entre o trotskismo e o general hitlerista von Seeckt, chefe da Reichswahr. Agentes trotskistas



eram identificados a cada semana nos mais altos escalões do partido e do Estado; e a polícia de Stálin os prendia, com alarde.

Trótsky se espantava: "Como é possível que seguidores meus tenham ocupado os postos mais importantes do Estado soviético, se afinal Stálin está no Kremlin e eu estou aqui, exilado, no México?". Para se defender das acusações, numa tentativa desesperada de proteger sua honra de revolucionário, pediu que se constituísse uma comissão, formada por pessoas insuspeitas, para investigar suas atividades. A comissão, presidida pelo filósofo e educador norte-americano John Dewey, ouviu numerosas testemunhas, examinou um montão de documentos, e concluiu pela inocência de Trótsky, em relação às infâmias assacadas contra ele. O veredito teve escassa repercussão.

Stálin aparecia aos olhos de muitos artistas e intelectuais como o líder incotestável do único movimento capaz de contrapor eficazmente à barbárie nazi-fascista. Gente como Gorki, Romain Rolland, Henri Barbusse, Ilya Ehrenburg, Theodore Dreiser, Louis Aragon e Paul Sweezy, ficou com Stálin, contra Trótsky.

O ódio de Stálin parecia não ter limites. A família do adversário sofreu uma verdadeira dizimação. Nina, filha de Liev Davidóvitch, morreu tuberculosa, em 1928, depois que a polícia política prendeu seu marido e a deixou desamparada. Zina, outra filha, suicidou-se em Berlim, em janeiro de 1933, por não suportar as agruras do exílio e da perseguição. O filho, Liev Sedov, adoeceu em Paris e foi internado numa clínica escolhida por um amigo chamado Etienne, que na verdade era um agente secreto de Stálin de nome Mark Sborowski; mataram-no, em fevereiro de 1938. Serguei, outro filho, foi preso na Sibéria, acusado de "tentar envenenar operários" (?); e, mais ou menos na mesma época, deram sumiço nele.

O trotskismo foi estigmatizado pela propaganda stalinista como "um departamento da Gestapo". Rudolf Clement, amigo pessoal de

Trótsky e secretário da Oposição Internacional de Esquerda, desapareceu subitamente em Paris, e julho de 1938; dias depois, seu corpo foi encontrado no rio Sena. Erwin Wolf, o mais próximo dos colaboradores que Trótsky havia tido na Noruega, foi morto na Espanha pela GPU (Polícia Política Soviética). O grande objetivo, no entanto, ainda não tinha sido alcançado: Stálin queria a cabeça de Trótsky.

Numa casa cercada de muros, na Avenida Viena, em Coyoacán, Trótsky esperava o golpe. Na noite do dia 23 de maio de 1940, um grupo fortemente armado, liderado pelo pintor e dirigente do Partido Comunista Mexicano David Alfaro Siqueiros invadiu a casa, arrombou a porta de vários aposentos, metralhou várias camas; Liev Davidóvitch, sua mulher Natália e seu neto (Seva) se esconderam em baixo das camas e escaparam incólumes. A polícia mexicana foi chamada, po-

"O ódio de Stálin por Trótsky parecia não ter limites. A família Liev Davidóvitch sofreu uma verdadeira dizimação"

rém fez uma investigação sumária e concluiu que se tratava de um assalto simulado, feito pelos próprios trotskistas. O coronel Sanchez Salazar, encarregado de averiguar o que tinha acontecido, achou que Trótsky estava "calmo demais" para ter corrido risco sério de vida; não compreendeu a serenidade do velho revolucionário.

A cada dia de manhã, quando acordava, Liev Davidóvitch dizia a Natália: "Não podemos nos queixar. Continuamos vivos. Ainda não foi esta noite que nos mataram". Quem relata essa história é o historiador Issac Deutscher, no terceiro volu-

me da sua monumental biografia de Trótsky, lançada há muito tempo entre nós pela editora Civilização Brasileira. Os três tomos se intitulam: "O profeta armado", "O profeta desarmado" e "O profeta banido". E dessa obra que estou extractando todas as informações utilizadas aqui.

Deutscher conta como a trotskista norte-americana Sylvia Agelof conheceu em Paris o belga Jacques Mornard. Depois, ela voltou a encontrá-lo em Nova Iorque, com um passaporte canadense falso emitido em nome de Frank Jackson (segundo ele, para escapar do serviço militar. "Jackson", rico e bem apesoadado, passou a cortejar Sylvia, uma solteirona um tanto "passada" e desprovida de charme. Através de Sylvia, começou a frequentar a casa de Trótsky.

Na época, ninguém ali sabia que Jacques Mornard era, realmente, o espanhol Ramón Mercader, agente secreto enviado por Stálin para matar Liev Davidóvitch. No dia 20 de agosto de 1940, o homem levou um artigo que havia escrito e pediu a Trótsky que o lesse, para ver se estava em condições de ser publicado. Trótsky entrou no escritório com "Jackson", começou a ler o artigo, quando foi atacado pelas costas: o assassino tirou de dentro da capa de chuva que vestia uma picareta de alpinista e vibrou um golpe na cabeça de sua vítima. Trótsky, porém, não caiu; embora a picareta tivesse penetrado cerca de sete centímetros no seu cérebro, ele se atracou com o agressor, mordeu-lhe a mão, arrancou-lhe a picareta e gritou por socorro. Quando Natália e os seguranças acorreram, ainda teve forças para lhes recomendar que prendessem "Jackson" mas evitassem matá-lo.

Foi levado a um hospital, para uma operação de emergência. Morreu no dia seguinte às sete e meia da noite. Deixou um testamento, reiterando seu amor por Natália e dizendo: "A vida é bela. Que as futuras gerações consigam limpá-la de todo o mal, de toda a opressão e de toda a violência, para poderem desfrutar dela, plenamente.